

AS AVENTURAS DE NGUNGA E O PAPEL DA VIAGEM PARA DE(S)COLONIZAÇÃO DE SUA MENTE

NGUNGA'S ADVENTURES AND THE ROLE OF TRAVEL IN DE(S)COLONIZING HIS AWARENESS

RESUMO: As Aventuras de Ngunga (1972), do angolano Pepetela, conta a história de um garoto órfão que se faz homem enquanto viaja pelos kimbos de uma Angola em guerra anticolonial. A narrativa acompanha a deslocação física de uma criança na medida em que o revela também como um protagonista que faz do caminho percorrido o espaço para o exercício de um pensamento nômade de natureza imanente, que lhe possibilita formar uma consciência livre. As aventuras acontecem justamente na sua jornada, e enquanto transita percebe a importância de empreender o próprio pensamento. Neste artigo, proponho olhar para Ngunga como uma personagem capaz de estetizar a própria existência, promovendo uma guerrilha do pensamento contra a hegemonia do mesmo, capaz de aplicar a nomadologia deleuziana como recurso para descolonizar a si próprio e libertar sua consciência, como desejava Franz Fanon.

Manuella Bezerra de Melo

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Racismo; Colonial; Decolonial; Poscolonial.

ABSTRACT: The Adventures of Ngunga (1972), by angolan writer Pepetela, tells the story of an orphan boy who becomes a man while traveling through the kimbos of an Angola in the throes of an anti-colonial war. The narrative follows the physical displacement of a child insofar as it also reveals him as a protagonist who makes the road he travels the space for the exercise of a nomadic thought of an immanent nature, which enables him to form a free conscience. The adventures take place precisely on his journey, and as he travels he realizes the importance of undertaking his own thinking. In this article, I propose looking at Ngunga as a character capable of aestheticizing his own existence by promoting a guerrilla war of thought against its hegemony, capable of applying Deleuzian nomadology as a resource for decolonizing himself and freeing his conscience, as Franz Fanon wanted.

Editor-Gerente
[Ivaldo Marciano de França Lima](#)

KEYWORDS: Literature; Decolonial; Poscolonial; Travel; Nomadology.

AS AVENTURAS DE NGUNGA E O PAPEL DA VIAGEM PARA DE(S)COLONIZAÇÃO DE SUA MENTE

Manuella Bezerra de Melo¹

Introdução

Um Ngunga nómade e anticolonial

Em 1972, quando publicou *As Aventuras de Ngunga*, o escritor Pepetela espectava uma Angola arrasada pela Guerra Colonial, que só veio a ter fim anos depois com o fim do Estado Novo Português. Talvez, salvaguardada sua biografia, apostasse no cruzamento da literatura com concepções anti-coloniais propositadamente, como recurso, ou talvez estivesse somente a refletir o seu tempo. No entanto, a moral assumida por esta narrativa leva o leitor aos mesmos questionamentos que fazia Franz Fanon. Nascido na Ilha de Martinica – departamento ultramarino da França - Fanon precisou ir estudar psiquiatria em Paris para perceber que não era considerado francês, mas um antilhano negro. Não tinha consciência da sua negritude, e menos ainda, não tinha noção de como esta negritude era vista pelos brancos que haviam colonizado a ilha caribenha onde nasceu. Foi ao *sair da ilha que pôde ver melhor a ilha (Saramago)*, foi a deslocação, a viagem que o possibilitou a compreensão e o levou à reflexão. Cair em si o levou aos conflitos que culminaram, posteriormente, nas suas obras críticas multidisciplinares de filosofia, sociologia e psiquiatria, sendo esta última a qual dedicou parte de seus estudos relacionados aos efeitos psíquicos do racismo. Seu legado teórico e científico, influência para estudos culturais e a Teoria da Literatura; pode ser observado no desfecho que alcança Ngunga, protagonista de Pepetela, que deu ao personagem o contorno empírico dos estudos de Fanon, um garoto que liberta sua consciência das correntes colonizadoras.

Não é só o menino Ngunga que tem uma relação biográfica com o filósofo Frantz Fanon. O próprio Pepetela renunciou a moral colonizadora e ocidental, trazida na sua descendência portuguesa, para se dedicar a luta pela libertação do povo angolano junto ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) em 1961, quando se exilou de Lisboa, onde estudava Letras, para Argélia – a mesma Argélia que viveu Fanon até 1957. Suas experimentações em vida lhe deram a rota que percorreria Ngunga; de alguma maneira um experimento literário com função social, criando uma obra que confrontava e reescrevia o Bildungsroman Clássico nascido e

¹ Mestre em Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas e bolsista pela Fundação para Ciência e Tecnologia de Portugal (FCT) no Programa Doutoral em Modernidades Comparadas; Literaturas, artes e culturas da Universidade do Minho (Uminho), em Portugal. manuellabmm@gmail.com

vinculado em sua forma a serviço da ideologia colonialista, ajustando-se ao Bildungsroman Postcolonial.

La concepción del Bildungsroman Postcolonial como una subversión o una reescritura del Bildungsroman Clásico va en consonancia con las tesis defendidas por la crítica postcolonial en los últimos años, al concebir el discurso literario como un instrumento emancipador, mediante el cual es posible apropiarse de las representaciones colonialistas (VASQUEZ, 203, p.11).

Nos estudos sobre o romance de aprendizagem em seu modo clássico, realizados pelo espanhol José Santiago Fernandez Vasquez, observa-se no gênero que às obras de Bildungsroman há certo padrão de características por parte do protagonista – em sua maioria jovem de personalidade independente -, que no decorrer da narrativa passa por uma evolução focada em princípios pedagógicos, acarretando em um desenvolvimento emocional harmônico e ordenado.

El primero de estos términos alude al desarrollo de las capacidades innatas del protagonista; el segundo hace referencia a la necesidad de que el perfeccionamiento individual sea complementado por un adiestramiento social. Para poner en práctica este objetivo es preciso que el aprendizaje del Bildungsheld sea tutelado por uno o más personajes que ejercen el papel de mentor; es decir, se ocupan de garantizar el bienestar material y espiritual del héroe, y aseguran de que éste alcance un grado de madurez que haga posible su integración con la comunidad (VASQUEZ, 2003, p.14).

Ainda que siga o roteiro de construção e amadurecimento individual ao passo de sua história, como prevê o romance de formação, Ngunga rompe os limites da aprendizagem clássica com uma capacidade inventiva de projetar sua própria arquitetura eminente enquanto prenúncio do exercício de uma micropolítica dentro de um território hegemônico, tal e qual nos eixos históricos e políticos da nomadologia Deleuziana em seu popular ensaio *Mil Platôs*, que conceituam-no como uma “[...] máquina de guerra justamente por ser inalienavelmente relacionado com esse ‘Fora’(VIEIRA, 2009, p.109) porque “[...] a vinculação da vida é, pois, com um itinerário. O que importa é o constante caminhar, que abre os poros, alivia os pulmões, permite que o sangue flua, dá energia e disposição pra continuar a caminhar” (VIEIRA, 2009, p.109).

Após perder seus pais em uma emboscada de colonialistas portugueses a seu kimbo, o protagonista conhece e se decepciona com o que chama de ‘egoísmo dos adultos’ que, para ele, ‘pensam somente em si mesmos’ e ‘não praticam aquilo que dizem’, concluindo então que as “[...] as palavras nada valem” (PEPETELA, 1980, p .45). Isso ocorre primeiramente em seu

encontro com o Presidente Kafuxi, quando ainda no início da trama passa uma temporada em sua casa:

E, um dia em que apareceu o comandante do esquadrão com três guerrilheiros, aconteceu o que tinha que acontecer. O velho lamentou-se de fome, dos celeiros vazios. Mandou trazer um pratinho de pirão para o comandante. Para os outros nada havia. O comandante teve que dar dois metros de pano e outro pratinho apareceu. Ngunga não falou. Começava a perceber que as palavras nada valiam. Foi ao celeiro, encheu uma quinda grande com fubá, mais um cesto. Trouxe tudo para o sítio onde estavam as visitas e o presidente Kafuxi. Sem uma palavra, pousou a comida no chão. Depois foi a cubata arrumar suas coisas. Partiu sem se despedir de ninguém (PEPETELA, 1980, p.45).

Esta aí o momento da escolha. Este episódio é o ponto de partida, o impulso necessário para que Ngunga saísse, por definitivo, pelo mundo numa viagem para procurar as repostas que precisava; “[...] Queria saber se em toda parte os homens são iguais, só pensando neles” (PEPETELA, 1980, p.50). A partir daí, depara-se também com outras situações que julga de egoísmo dos adultos, entre elas com o comandante Mavinga, ao juntar-se a uma Secção de guerrilheiros na floresta:

Muitas vezes se falava no comandante daquele esquadrão, o camarada Mavinga. Todos recordavam sua coragem e decisão. Mas haviam guerrilheiros que diziam que Mavinga tinha apenas um defeito: pensava demais nele mesmo...Qual era a pessoa grande que não era egoísta? (PEPETELA, 1980, p.52).

A obra de Gilles Deleuze dá protagonismo ao papel da geografia na construção do pensamento, e oferece o entendimento que é no viajar que Ngunga atravessa um território etológico e etnológico, e na medida em que cruza as fronteiras de cada kimbo (aldeia) de Angola, atravessa também as fronteiras do seu próprio pensamento, assumindo a condição nómade como um recurso para alcançar a descolonização de si próprio, como sugeria Fanon.

[...] a geografia não se contenta em fornecer uma matéria e lugares variáveis para a forma histórica. Ela não é somente humana e física, mas mental, como a paisagem. Ela arranca a história do culto da necessidade, para fazer valer a irredutibilidade da contingência. Ela a arranca do culto das origens, para afirmar a potência de um ‘meio’ (o que a filosofia encontra entre os gregos, dizia Nietzsche, não é uma origem, mas um meio, um ambiente, uma atmosfera ambiente: o filósofo deixa de ser cometa...). Ela a arranca das estruturas, para traçar as linhas de fuga que passam pelo mundo grego, através do Mediterrâneo. Enfim, ela arranca a história de si mesma para descobrir os devires, que não são a história mesmo quando nela recaem (FANON, 1992, p.125).

A noção de território é central no pensamento de Deleuze e de seu principal parceiro intelectual, Felix Guatarri, que no livro “Micropolítica: Cartografias do Desejo” empreende um

território num sentido amplo, ultrapassando seu uso na etologia e etnologia, concepção praticada pelo Ngunga quando observamos sua condição imanente perante sua própria realidade, onde o território serve somente à sua viagem, ao transito e ao seu deslocamento, e à subversão da centralidade de ideias que captura as subjetividades e epidermiza um aprisionamento da hipótese de um devir.

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.323).

É preciso contextualizar. *As aventuras de Ngunga* acontecem em meio à guerra anticolonial angolana. Trata da história de um menino pouco crescido, cujos pais morreram numa altura da vida onde ainda não foi concluído o processo daquilo que Foucault chama de *domesticação*, que é uma forma de formação da subjetividade que se estabelece dentro de uma sociedade disciplinar, neste caso, uma sociedade em guerra é justamente a que cita. Foucault explica que toda sociedade “[...] impõe um controle social sobre o corpo, mas é exatamente esse controle que varia historicamente” (FOUCAULT, 1999, p. 287).

Os saberes e os poderes de todos os tempos procuram domar os corpos, mas estes lhes escapam perfazendo uma história da resistência relativa à vida, pois “o ponto mais intenso das vidas, onde se concentra sua energia, fica exatamente ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças e escapar de suas armadilhas” (FOUCAULT, 1977 apud DELEUZE, 1986, p. 101).

No caso de Deleuze, a disciplina como modo de formar a subjetividade seria um modelo em crise, pois estaria em curso a constituição de uma “[...] sociedade de controle (...) que implicava novas subjetividades” (DELEUZE, 1992, p. 219-226). Deleuze explica, portanto, como um garoto sozinho entre as balas europeias e angolanas, consegue os recursos necessários para definir seu próprio caminho. Isto ocorre na hora que percebe que é o caminho em si, a ser tomado, e que constituir-se como angolano é, sim, não ceder ao imperialismo Português, mas também é não fechar os olhos para a desgraça provocada pelo seu próprio povo, os erros e ações condenáveis. E neste ponto cria, portanto, uma guerrilha de pensamento contra todas as idealidades imutáveis. Ngunga pratica esta subversão dos territórios quando, por exemplo, ao se deparar com os mentores adultos pôde perceber neles seus equívocos um a um, rompe este bloqueio e, sozinho, reconstrói sua própria alternativa de vida sem o comum auxílio das supostas

naturais necessidades entendidas ou esperadas a alguém da sua idade, uma recusa ao processo de constituição da subjetividade dominante para possibilitar a própria subjetivação revolucionária.

Esta sua condição imanente e subversiva do pensamento fica evidente quando encontra *Uassamba*, personagem pela qual se apaixona, mas que foi vendida em troca de bois pelos seus pais a Chipoya, o líder do kimbo, para ser sua esposa. Aqui, Ngunga é capaz de praticar a reflexão necessária e lógica para sair do conforto dos próprios costumes e entender que mesmo no seio da sua cultura e identidade, há uma série de tradições injustas a serem reparadas.

Ngunga encostou-se a uma árvore. Porque o mundo era assim? Tudo que era bonito, bom, era oprimido, esmagado, pelo que era mau e feio. Não, não podia. Uassamba, tão nova, tão bonita com aquele velho? Lá porque ele a comprara a família? Como um boi que se compra ou uma quinda de fubá (PEPETELA, 1980, p.153).

Tinha vontade de gritar, de insultar o Chipoya, os pais de Uassamba, os velhos que defendiam os costumes cruéis, os novos que não tinham coragem de os destruir” (PEPETELA, 1980, p. 164).

E dedica parte de seu tempo a pensar em algo que possa fazer para tirar Uassamba da situação de opressão em que está colocada: “[...] Era Uassamba que lhe dava esses maus pensamentos. Não, ela não tinha culpa. Era o mundo com suas leis estúpidas” (PEPETELA, 1980, p.159).

O pensamento nômade é o principal suporte de Ngunga nas suas aventuras vividas em trânsito. Para acompanhar esta trajetória, até que se torne o jovem adolescente que virá a ser espelho da obra de Frantz Fanon, e compreender como isto acontece, é necessário também evocar a memória historiográfica. Durante todo século XVIII, o Iluminismo dominava o pensamento filosófico e questionava a monarquia absolutista, assim como os dogmas fixos na Igreja Católica Romana, com o debate e construção de um novo conceito de *humano*. As concepções quebraram alguns paradigmas e o diálogo foi necessário quando é sabido que nesta altura as condições de vida eram desumanas para a maioria da população, em detrimento do poder, riqueza e glória dos monarcas. No entanto, a ideia de *humano* forjada aí, condicionada e difundida como sinônimo de uma suposta racionalidade pré-concebida, tem uma problemática que trazemos para a sociedade contemporânea: foi elaborada por humanos brancos da parte oeste da Europa a partir de uma perspectiva que eles conheciam, o que excluía definitivamente muitos territórios da noção de humanidade construída por essa sociedade ocidental, entre eles os homens e mulheres de África.

É com base neste questionamento sobre o que é ou não humano que Fanon desenvolve na sua teoria crítica as questões relacionadas aos sintomas psíquicos do racismo e da desumanização do negro, e que Pepetela, um homem do seu tempo, escreve, e é também diante de todos estes

pré-supostos anteriores que Ngunga, o personagem, é criado, sobrevive e se forma imbuído do projeto de dominação colonial, irreduzível na atuação livre de seus dispositivos nômades como prática efetiva da nomadologia deleuziana que o levará adiante, à Fanon.

Para estabelecer esta noção de humanidade branca o europeu desconstruiu as muitas identidades existentes em África, liquidando manifestações culturais de variados aspectos, sejam étnicas ou religiosas, e seguidamente construiu e propagou estereótipos de exotismo que desenvolveram nos muitos povos africanos o apagamento social e o complexo de inferioridade, necessários para o sucesso do projeto de povos que desejam dominar e oprimir outros, que já não acreditam mais na possibilidade de serem eles mesmos capazes de fazerem sua própria história.

O comportamento de Ngunga, um garoto cuja natureza imanente do pensamento afirma a existência intrínseca da realidade, subverte e extrapola esta assimilação, apropriando-se da [...] condição nômade como parte pragmática da nomadologia (DELEUZE; GUATARRI, 1980, p 471), é um propósito do ideal. Com este propósito, Pepetela empreende no rapaz órfão as possibilidades, as condições para um africano colonizado e assimilado da superioridade branca se desgarrar das concepções que lhe aprisionam fisicamente, mas também emocionalmente. E o criador de Ngunga faz isso porque sabe que a literatura pode ser um recurso pra vocalizar esta possibilidade.

A *assimilação* é uma das muitas consequências psíquicas que explica Fanon como parte da opressão racista. Ocorre porque, entre outras coisas, o colonizador usa do seu poder agindo efetivamente pra branquear o negro com favorecimentos àquele que se comporta conforme os padrões estabelecidos por ele, branco, e acusa o outro que o enfrenta ou questiona, por exemplo. Em África, por longos anos foi perpetuada a ideia de que o colonizador é um educador, alguém que estava a levar a bonança ocidental, capaz de inserir aquilo que consideram como ‘sociedades primitivas’ no ‘mundo civilizado’, e que estaria fazendo, então, um favor que deve ser agradecido perpetuamente, discurso paternalista repetido para justificar a exploração da mão de obra, e ocultar as práticas violentas do colonizador em busca de recursos materiais.

Para ele só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco. Donde a preocupação permanente em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entra na constituição de um ego. Como dizíamos há pouco, é pelo seu interior que o negro vai tentar alcançar o santuário branco. A atitude revela a intenção. A retração do ego como processo bem sucedido de defesa não é viável para o negro, pois ele precisa da sanção do branco (FANON, 2008, p.60).

Fanon desenvolve esta interlocução entre as consequências objetivas e subjetivas da ação colonial sob o colonizado negro, traça estratégias de sobrevivência e faz críticas ao nacionalismo

e ao imperialismo, enquanto revela estas consequências psíquicas do estabelecimento de uma única possibilidade de identidade, moldando psicologicamente os nativos de outros berços territoriais para dentro do seu papel ‘natural’ de escravo ou servo do branco.

Se ele se encontra a tal ponto submerso pelo desejo de ser branco, é que vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo, em uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na medida exata em que esta sociedade lhe causa dificuldades que ele é colocado em uma situação neurótica (FANON, 2008 p.95)

Na obra de Pepetela é possível perceber, mesmo no seio dos kimbos africanos, este desejo pelo objeto ocidental, a permissividade e condescendência com valores assimilados, como o individualismo, que ferem a base da sociedade autóctone africana, formada sobre preceitos coletivos de aldeia que trabalha para a comunidade, uma demonstração da contaminação ocidental, mesmo no ambiente rural onde se passa a narrativa. Em uma passagem de *As Aventuras de Ngunga*, é possível também observar bem esse efeito no cozinheiro do Posto de Cangamba, local para onde os colonialistas levaram preso Ngunga e o professor União após a emboscada na escola. Em meio a um processo de luta pela emancipação de seu País, um homem negro e angolano serve aos colonizadores portugueses e defende, seguro, seu papel social de servir o branco colonizador.

Vocês julgam que vão ser independentes – dizia ele. – Estúpidos! Se não fossem os brancos nós nem conhecíamos a luz elétrica. Já tinhas visto a luz elétrica e os carros, seu burro? E queres ser livre. Livre de que? Para andares nu e subir nas árvores? (PEPETELA, 1980, p.110).

Assim como o cozinheiro, também o Grupo Especial – Unidade de Soldados Angolanos no Exército Português (GE), exemplo concreto da ação de *assimilação* na atividade colonizadora portuguesa em Angola, que também fez o protagonista concluir a falta de sentido disso para um angolano: “[...] Depois compreendeu que os G.E não serviriam para nada, pois eram só criados dos portugueses e não tinham força nenhuma ali” (PEPETELA, 1980, p.111). E como na passagem do camarada Chitangua, também preso no Posto de Cangamba. Apanhado, o homem que era o mais forte do kimbo chora por apanhar e indica os sítios onde os portugueses deveriam fazer buscas, o que caracterizaria traição ao Movimento, atitude que decepcionou profundamente o menino Ngunga: “[...] Ngunga não respondeu. Um homem tão grande, cheio de força. Um covarde... Ngunga tinha vontade de lhe bater também” (PEPETELA, 1980, p.105).

As aventuras de Ngunga (1980) ocorrem em um período de ultracolonialismo, no qual os portugueses se esforçam para serem reconhecidos enquanto os melhores colonizadores,

amuletados nas teorias luso-tropicalistas do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, de uma suposta colonização ‘amiga e branda’, mas que nunca deixou de usar a força para garantir a exploração das riquezas dos territórios ocupados em favor do desenvolvimento Português.

Todo povo colonizado, isto é, todo povo no seio do qual nasce um complexo de inferioridade, de colocar no túmulo a originalidade cultural local – se situa frente-a-frente à linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. O colonizado se fará tanto mais evadido de sua terra quanto mais ele terá feito seus os valores culturais da metrópole. Ele será tanto mais branco quanto mais tiver rejeitado sua negrura (FANON, 1983, p. 49).

Conclusão

Para o desenvolvimento da obra *Peles Negras, Mascaras Brancas*, Fanon desvenda a função objetiva do racismo, a de ser um mecanismo estruturante da sociedade capitalista e colonial, onde o colonizador é dominante e o negro colono o dominado. No entanto, para que uma descolonização viesse a ocorrer e ser efetiva, a única forma é que ela seja conquistada com luta e protagonismo do colonizado, descartando a utilidade de uma libertação consentida, já que esta não é capaz de libertar a consciência. Fanon trata sobre o processo colonial como uma condição que age na totalidade. Ela não é só territorial e psíquica, seus efeitos e consequências são tão econômicos quanto sociais, são tão estruturais quanto nocivos ao corpo do colonizado. À luz de Fanon, participar da viagem de Ngunga por Angola é compreender como todas essas nuances são possíveis, sejam pelo papel do protagonista ao subvertê-las, seja pelo papel daqueles que ele observa, ao aprisionarem-se. No desenrolar da narrativa de *Pepetela*, é possível observar as características psicológicas de Ngunga, personagem capaz de quebrar este paradigma, um resultado dialético da sua existência nômada à sua projeção de homem, angolano, descolonizado, ainda que a guerra pelo território estivesse aparentemente perdida pelos homens crescidos.

A sequência dos acontecimentos vai convencendo Ngunga pouco a pouco da necessidade de expandir seus conhecimentos enquanto arma para alcançar seus objetivos, que são sempre coletivos e demonstram um olhar empático do menino com o mundo e, principalmente, com a construção mais justa deste mundo que ele também habita. Assim acontece quando escuta e concorda com o Professor União sobre a importância da escola: “[...] O professor União tinha sido enviado de longe pelo movimento para ensinar. No tempo do colonialismo, ali nunca tinha havido escola, raros eram os homens que sabiam ler e escrever. Mas agora o povo começava a ser livre” (PEPETELA, 1980, p. 73). E um pouco mais adiante, quando se liberta dos portugueses e vai pela floresta a procura de seu povo. “[...] E correu para a liberdade, para os pássaros, para o mel, para as lagoas azuis, para os homens. Atrás de si ficava o arame farpado, o mundo dos patrões e dos criados (PEPETELA, 1980, p.117).

Pelas mãos de Pepetela, Ngunga escreve sua própria história porque assim decidiu, traça seu futuro como quem desenha o mapa da liberdade para os garotos e garotas africanas que lerão suas aventuras. “[...] Mais uma vez, Ngunga jurou que tinha que mudar o mundo mesmo que, para isso, tivesse que abandonar tudo que gostava” (PEPETELA, 1980, p.159), a decisão de unir seus estudos à ação, de não ser um animal doméstico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA Júnior, Benjamin. **Margens da cultura: mestiçagens, hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.
- ANDERSON, Perry. **Portugal e o fim do ultracolonialismo**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.
- CANDIDO, Antônio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.
- CHAVES, Rita; CABAÇO, José Luís. **Frantz Fanon: colonialismo, violência e identidade cultural**. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.
- DELEUZE, Gilles. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mille Plateaux**. Paris: Minuit, 1980.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Paris: Minuit, 1986.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1983.
- FANON, Frantz. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. Tradução Alexandre Pomar. Lisboa: Letra Livre, 2017.
- FANON, Frantz. **Pele Negras, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora, Brasil: Ed. UFJF, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade vol. I (a vontade de saber)**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade – Curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

LENINE, Vladimir Ilich. **Obras escolhidas – Volume 1**. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1979.

PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. São Paulo: Ática, 1980.

VAZQUEZ, José Santiago Fernandez. **Reescrituras postcoloniales del “Bildungsroman”**. Madrid, Espanha: Editorial Verbum, 2003.

Referências da internet

O abecedário de Gilles Deleuze. Entrevista concedida a Claire Parnet. Vídeo. Transcrito e traduzido por Tomás Tadeu da Silva. Disponível em: <www.ufrgs.br/faced/tomaz>. Acessado em: 12 fev. de 2003.

Recebido em: 21/01/2023

Aprovado em: 14/06/2023